



## **Estratégias de distinção política e cultural na imprensa homossexual ou a visão do jornal Lampião da Esquina sobre si mesmo<sup>1</sup>**

Fernando Luiz Alves BARROSO<sup>2</sup>

Victor Hugo de Souza OLIVEIRA<sup>3</sup>

Diógenes de Souza SANTOS<sup>4</sup>

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

### **RESUMO**

Este artigo representa a sistematização provisória de uma pesquisa em andamento sobre o debate sobre a mídia presente no jornal Lampião da Esquina. Este foi o primeiro periódico voltado para a população homossexual, produzido profissionalmente, no Brasil, no contexto da chamada imprensa alternativa. Neste artigo, exploramos e analisamos os textos, presentes nas edições de número zero e trinta e sete, em que o jornal reflete sobre si mesmo. E argumentos que estes textos expressam o interesse do Lampião em demarcar as diferenças políticas e culturais vistas entre a mídia e, inclusive a imprensa alternativa, e o próprio jornal.

**PALAVRAS-CHAVE:** imprensa; homossexualidade; poder.

### **Introdução**

Este artigo representa uma parte de pesquisa mais abrangente que visa levantar e interpretar o debate sobre a imprensa nas páginas do jornal Lampião da Esquina. Neste sentido, nosso interesse geral é levantar e analisar os pontos de vista defendidos por aquele periódico sobre a grande imprensa, a imprensa alternativa brasileira, a imprensa gay internacional, a imprensa gay nacional e sobre o próprio jornal.

O Lampião da Esquina era um jornal com periodicidade mensal, em formato tablóide, publicado entre abril de 1978 e junho de 1981. Segundo Green (2000, p. 431), iniciou com uma tiragem de 10 mil exemplares. Esta é a primeira publicação homossexual brasileira com produção profissional (impulsionada por jornalistas, intelectuais e artistas reconhecidos) e distribuição para todo o país. Seguindo a trilha da imprensa alternativa produzida no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, o Lampião foi concebido para superar tanto a fase da imprensa artesanal quanto do colunismo social

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Artes e Comunicação da UFS, e-mail: fbarroso20@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação, bolsista de iniciação científica do Departamento de Artes e Comunicação da UFS, e-mail: diogenesaju@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante de Graduação, bolsista de iniciação científica do Departamento de Artes e Comunicação da UFS, e-mail: v.h.jornalista@gmail.com



como *leitmotiv* do jornalismo homossexual. Assim, a grande renovação empreendida pelo *Lampião* pode ser resumida pela profissionalização do jornalismo voltado para a população homossexual brasileira, pela politização da discussão sobre a homossexualidade e pela veiculação de pontos de vista não estereotipados sobre a chamada população *lgbt*<sup>5</sup>.

### **O problema e a perspectiva teórico-metodológica de abordagem**

Dois temas clássicos na imprensa homossexual são a mídia (o debate travado em suas páginas e/ou produtos audiovisuais sobre a questão homossexual e as representações sobre a homossexualidade construídas neste ambiente) e a própria imprensa homossexual. Neste segundo tema, inclui-se a auto-descrição de cada publicação em particular.

No *Lampião*, esta característica também aparece. Na página 05 da edição número zero, por exemplo, o artigo intitulado "Qual é a da nossa imprensa?" discute a condição marginal das publicações homossexuais da época. Na página 09 da edição número 02, tem um artigo elogiando a revista *Isto É* (a revista é tratada como "madrinha do jornal") por ter feito a cobertura do lançamento da edição número zero, em São Paulo, com enfoque positivo<sup>6</sup>. Na página 02 desta mesma edição, há um artigo reprovando o modo como a imprensa marrom trata a questão da homossexualidade. E o editorial do número zero reflete sobre o sentido e as posições a serem defendidas pelo próprio jornal. Estas referências são indicativas de que o debate sobre a imprensa era um dos eixos temáticos do *Lampião da Esquina*. Assim, interessa indagar sobre o sentido deste debate naquele jornal.

A hipótese mais geral que orienta esta pesquisa é que, com a valorização deste tema e deste debate, o *Lampião* está reagindo (posicionando-se em relação) à cultura da mídia. Com este termo, queremos chamar a atenção para o fato de que a mídia promove uma cultura determinada, se nutre e se pauta por esta cultura para a produção de seus conteúdos, e ainda que esta cultura se relaciona com os processos sociais e às relações de poder constitutivas da sociedade. Assim, para o jornal, seria estratégico marcar posição, demarcar sua diferença, dentro do campo de batalha midiático, no processo de construção da representação social da homossexualidade.

---

<sup>5</sup> Por *população lgbt* entende-se a parcela da população reconhecida, na linguagem comum, pelos termos: lésbicas, gays, bissexuais e travestis.

<sup>6</sup> Cf. Revista *Isto É*, n. 69, abril de 1978, pp. 60-61.



Acreditamos que o debate referido acima existe nas páginas do Lâmpião da Esquina para a) denunciar a cultura da mídia e suas estratégias de dominação sócio-cultural b) demarcar (contrastar) suas diferenças culturais e políticas em relação ao projeto de dominação da população lgbt, presente na cultura da mídia e c) disputar os corações e as mentes dos indivíduos componentes da sociedade mais ampla e, em particular, da população homossexual, em favor de um projeto político alternativo ao modelo dominante na cultura da mídia e nas práticas sociais.

O presente artigo restringe-se à descrição e análise das posições defendidas pelo jornal a respeito de si mesmo. Nosso interesse é avaliar os discursos demarcadores de interesses e diferenças políticas, ideológicas e culturais em relação à mídia, à imprensa alternativa e aos demais veículos da imprensa homossexual internacional e brasileira. Assim, nossas perguntas básicas são: os textos presentes nas páginas do Lâmpião confirmam a existência de demarcações político-culturais em relação ao conjunto da mídia? Como estas demarcações são construídas? As posições defendidas pelo jornal a respeito da imprensa foram sempre as mesmas ou ocorreram alterações significativas entre a primeira e a última edição? Caso haja alterações, em que sentido estas se dão? E por que ocorrem?

Teoricamente, esta pesquisa inspira-se no conceito de cultura da mídia, proposto pelo pesquisador norte-americano da área dos estudos culturais, Douglas Kellner (cf. KELLNER, 2001). Esta teoria chama a atenção para (ou enfatiza) o fato de que a mídia está intimamente ligada à produção da desigualdade social e da dominação e, em consequência, ao poder. A mídia compõe, cria e recria redes de poder. Em síntese, com o conceito de cultura da mídia, Kellner pretende chamar a atenção para as posições políticas veiculadas em seus textos, o modo como estes textos incorporam estas posições e os efeitos que elas provocam nos processos e nas relações sociais.

Inspirado no conceito gramsciano de hegemonia, este pressuposto implica que a mídia é um lugar privilegiado para veiculação de idéias e valores (representações) que garantem a reprodução da desigualdade e da dominação, mas também permite a veiculação de idéias e valores que fortalecem caminhos alternativos para a resistência e para a luta pela reversão daqueles processos. A mídia é um lugar onde se travam batalhas pelo controle da sociedade.

Assim, longe de representar uma mera instância de padronização dos produtos culturais em conformidade com a lógica da indústria cultural e da mercadoria, e longe também de representar a instância de difusão de uma cultura monolítica



(necessariamente conservadora dos pontos de vista político, ideológico ou cultural), a mídia é um lugar de veiculação e difusão, em larga escala, de discursos (textos culturais) marcados por contradições e ambiguidades. Acreditamos que, tal como sumariados, estes desenvolvimentos teóricos podem nos ajudar a compreender o debate sobre a imprensa travado nas páginas do *Lampião da Esquina* e, em particular, o debate sobre o próprio jornal.

Em termos de metodologia de pesquisa, nosso trabalho baseia-se no que Kellner chama de leitura política da mídia. A proposição, pelo autor, deste método decorre da ênfase dada à relação mídia, cultura e poder presente no conceito de cultura da mídia. Segundo este autor

As formas dessa cultura [da mídia] são intensamente políticas e ideológicas, e, por isso, *quem deseje saber como ela incorpora posições políticas e exerce efeitos políticos deve aprender a ler [a] cultura da mídia politicamente* (grifo nosso). Isso significa não só ler essa cultura no seu contexto sociopolítico e econômico, mas também ver de que modo os componentes internos de seus textos codificam relações de poder e dominação, servindo para promover os interesses dos grupos dominantes à custa de outros, para opor-se às ideologias, instituições e práticas hegemônicas, ou para conter uma mistura contraditória de formas que promovem dominação e resistência. (KELLNER, 2001, p. 76).

Em termos operacionais, a estratégia metodológica para esta pesquisa consistiu, em primeiro lugar, na leitura do jornal a partir do recorte temático "visão do jornal sobre si mesmo". A partir deste recorte, levantamos todos os textos que tratam deste tema nas edições número zero e trinta e sete, a primeira e a última respectivamente. Dentre outras vantagens, esta orientação pode permitir a constatação de mudanças de pontos de vista defendidos anteriormente<sup>7</sup>.

O alcance de nossos objetivos exigiu ainda uma pesquisa bibliográfica tanto de natureza teórica quanto empírica. No primeiro caso, buscamos os enunciados e conceitos teóricos que orientassem a análise do objeto sem as interferências dos "instrumentos mentais que o senso comum nos fornece"<sup>8</sup>. No segundo caso, buscamos resgatar o contexto histórico e cultural (inclusive midiático) no qual o jornal aparece.

### **O contexto político e cultural no qual o *Lampião* aparece**

---

<sup>7</sup> Considerando que este artigo resulta de uma pesquisa em andamento, julgamos necessário esclarecer que os resultados aqui apresentados refletem a coleta de dados feita apenas nas edições número zero (abril de 1978) e número 37 (julho de 1981). Assim, a interpretação apresentada não está considerando a totalidade das 37 edições que chegaram ao público.

<sup>8</sup> Esta é uma expressão que tomamos emprestada de Santaella (2001, p. 185).



O contexto político e cultural mais amplo em que o Lampião da Esquina aparece pode ser definido como resultante da combinação de fatores conjunturais internacionais e de fatores particulares à realidade brasileira nas décadas de 1970 e 1980.

Esquemáticamente, neste período, o contexto internacional estava marcado pelo avanço da chamada “guerra fria” que, desde o final da II Guerra Mundial, punha o planeta numa situação de divisão geopolítica. Esta divisão dava-se pelo reordenamento das diferentes regiões e países do mundo em função dos interesses conflitantes apresentados pelos Estados Unidos (o horizonte econômico e político burguês) e pela União Soviética (o horizonte econômico e político socialista).

Nos chamados “setores progressistas” da população dos Estados Unidos e da Europa, o desencanto provocado pelo modo como tanto as potências capitalistas quanto a União Soviética geriam seus interesses na Guerra Fria criou as condições para a emergência de grupos e interesses sociais alternativos em relação aos programas e organizações tradicionais da esquerda. Dentre os diferentes desdobramentos deste desencanto, podemos destacar o aparecimento dos chamados “movimentos de minorias”, isto é, os movimentos feminista, homossexual e negro<sup>9</sup>.

O mito de origem do moderno movimento homossexual foi a reação dos homossexuais frequentadores do bar Stonewall, em Nova York, em junho de 1969, às batidas policiais que vinham ocorrendo naquele ambiente. Reconhecendo que as justificativas formais apresentadas para a realização destas batidas mascaravam as verdadeiras motivações homofóbicas daqueles policiais, os frequentadores do bar romperam a postura contida apresentada até então e partiram para o enfrentamento aberto a aqueles que lhes oprimiam. O recuo policial frente a esta iniciativa gerou um sentimento de auto-confiança na população homossexual nova-iorquina e o desejo de construir um movimento político organizado em favor de sua cidadania.

No Brasil, as décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pela reação dos “setores progressistas” das classes médias urbanas às dificuldades criadas pela política econômica adotada pelos governos militares para gerir as conseqüências (inflação, arrocho salarial, supressão da liberdade sindical e do direito de greve etc) da crise do “milagre brasileiro”. As inquietações políticas emergentes decorreram ainda da insatisfação social com o AI-5, com as notícias de tortura a presos políticos, com o controle autoritário do sistema partidário (inclusive jogando os partidos com programas

---

<sup>9</sup> Deve-se destacar também o aparecimento, no mesmo período, do movimento ecológico.



políticos vinculados à esquerda na clandestinidade) e das oposições no Congresso Nacional, com a ausência de eleições regulares, com a monitoração do pensamento crítico gerado nas universidades e com a censura prévia à imprensa e às manifestações culturais.

Por um lado, a reação das forças de oposição ao regime militar se deu pela adoção da luta armada como método de enfrentamento da ditadura. Por outro, esta reação se deu pela atuação de diferentes organizações da sociedade civil, de intelectuais, artistas e jornalistas (através inclusive da criação dos jornais conhecidos como imprensa alternativa), de setores da igreja católica orientados pela Teologia da Libertação, do movimento operário e dos movimentos sociais populares emergentes.

Além disso, o modo como as organizações tradicionais representativas dos interesses da esquerda respondia ao enfrentamento dos desafios postos pela ditadura militar, pela Guerra Fria e em nome da revolução socialista gerou um sentimento de desencanto em setores significativos desta corrente política no Brasil. Este desencanto ganhou musculatura ideológica a partir do conhecimento, por aqueles setores, da emergência dos novos movimentos sociais referidos acima, nos Estados Unidos e na Europa. Este conhecimento gerou as condições para o acirramento de suas diferenças programáticas com a esquerda tradicional, a rejeição ao princípio que esta sustentava da centralidade da causa operária na luta pela destruição do capitalismo e a criação dos primeiros grupos articuladores daqueles movimentos no Brasil.

Este fervente “caldo político e cultural” no mundo e no Brasil cria as condições para o aparecimento do movimento homossexual brasileiro. MacRae (1990), Trevisan (2002), Green (2000) e Facchini (2005) sustentam que a criação do grupo Somos, em São Paulo, em 1978, representa o marco inicial deste movimento no Brasil. Por outro lado, a criação do jornal *Lampião da Esquina* pode ser interpretada como uma resposta, proveniente de um grupo de artistas e intelectuais de esquerda, aos desafios apresentados pela necessidade de expandir a luta pelos direitos homossexuais no Brasil. É a partir desta perspectiva que devemos entender o aparecimento do referido periódico e a visão que este sustentava a respeito de si mesmo.

### **A visão do jornal sobre si mesmo**

Conforme apresentado acima, o método analítico que norteia este estudo se pauta pelo princípio de que a mídia é um campo de batalha onde um jogo de poder



social ganha concretude. Os discursos difundidos pela mídia (ou entre seus diferentes veículos – impressos, audiovisuais, digitais etc.) são a instância decisiva para a expressão daquele jogo. Isto porque aqueles discursos veiculam valores e crenças relativos a interesses de grupos sociais em conflito. Assim, o jogo de poder presente no interior do campo midiático expressa os jogos de poder vividos, no cotidiano de um contexto histórico determinado, pelos diferentes grupos sociais e seus interesses políticos e culturais da sociedade mais ampla.

O editorial da edição número zero pode ser reconhecido como o texto base da visão do jornal sobre ele mesmo. Nele, o jornal descreve seu horizonte político-ideológico e justifica sua emergência no contexto histórico no qual aparece. O título deste editorial, *Saindo do armário*, já representa uma definição básica do jornal a respeito de si mesmo e de seus objetivos culturais. Neste texto, os editores afirmam que

“um *jornal homossexual* (grifos nossos), para quê? (...) Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em conseqüência, sair dele. *O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual*, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPIÃO não pretende soluçar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma *minoría oprimida*. E uma *minoría*, é *elementar nos dias de hoje*, precisa de voz. (...) LAMPIÃO deixa bem claro o que vai orientar a sua *luta*: nós nos empenharemos em *desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor* – que nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos”.

Pode-se compreender os termos deste editorial como sendo, mais do que uma descrição da linha editorial do jornal, uma tentativa de estabelecer a distinção entre a identidade social do *nós* (o próprio jornal) e a identidade social *deles* (no caso, a grande imprensa), e a qualidade da relação que estabelece entre as duas. A identidade do *nós*



referida na afirmação do Lampião como “jornal homossexual” pode ser avaliada como o ponto de partida da auto-descrição que se busca levantar. Em seguida, aparecem os enunciados que possibilitam a caracterização da distinção que o jornal pretende estabelecer em relação aos demais veículos de comunicação.

O editorial descreve a relação do Lampião com *eles* (os *outros*) como um pugilato cultural. Quando o editorial afirma que “o que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual” e que é preciso “desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor”, é legítimo reconhecer a mídia como uma das instâncias fazedoras (construtoras) daquela imagem-padrão. Assim, fazia sentido demarcar as diferenças entre *eles* e *nós*, e caracterizar esta demarcação a partir dos horizontes político e cultural contrapostos que orientavam cada uma destas identidades.

E quando afirma que “é preciso dizer não ao gueto e, em conseqüência, sair dele”, apresenta a estratégia e a meta apropriadas para promover aquela destruição, anuncia-se como um veículo criado para contribuir para a realização desta tarefa, e descreve e encoraja os sujeitos individuais (componentes da população homossexual caracterizada como “minorias oprimidas”) para fazer-se presente como sujeito coletivo neste jogo. Assim, o campo de batalha está definido, o jogo de poder social está instituído (um jogo de destruição e reconstrução), os contendores estão devidamente apresentados como tais e as mídias e seus discursos caracterizados como armas está estabelecido. Assim, o Lampião da Esquina diz o que quer ser (ou como quer ser socialmente identificado) e descreve o sentido de sua atuação política e cultural.

Na mesma página em que o editorial apresentado acima aparece, num texto intitulado Senhores do conselho, o jornal esclarece a pretensão de ser “um jornal que, dentro da chamada imprensa alternativa, desse ênfase aos assuntos que esta considera ‘não prioritários’”. Esta afirmação reforça a estratégia apontada acima da auto-descrição pela reiteração do contraste e das diferenças políticas e culturais em relação aos demais veículos de comunicação.

O contraste estabelecido com a imprensa alternativa aparece numa perspectiva curiosa. Nesta perspectiva, o jornal reconhece que, embora se alinhe nas fileiras oposicionistas ao regime militar e no empenho em favor da democratização da sociedade que caracterizava a imprensa alternativa tomada em conjunto, também a localiza política e culturalmente como um outro. Certamente um outro politicamente diferenciado em relação ao conjunto da mídia dominante. Esse outro como é percebida (ou localizada) a imprensa alternativa é estabelecido em decorrência do modo como esta



situa politicamente o grupo social (a população homossexual reconhecida como “minorias oprimidas”) que justifica o aparecimento do jornal e orienta sua diferença cultural. Assim, esta modalidade de imprensa é ambigualmente reconhecida ao mesmo tempo como eles e como nós.

Na página 05 da mesma edição, num texto intitulado “Mulheres do mundo inteiro...”, sobre a ausência de mulheres no Conselho Editorial do jornal, Aguinaldo Silva afirma que “uma das questões que este jornal pretende levantar é a do feminismo”. Esta referência chama a atenção para o fato de que o programa político (editorial) do Lampião da Esquina distinguia as feministas como vítimas<sup>10</sup> das estratégias de apagamento, exclusão e construção de imagens estereotipadas e negativas (imagem-padrão) presentes na mídia dominante e na imprensa alternativa, já apontadas acima em relação aos homossexuais<sup>11</sup>.

Importa enfatizar que, com o enunciado exposto acima, o jornal se reconhecia como um veículo difusor de um horizonte político-ideológico ampliado. Com a explicitação deste horizonte entende-se que, embora enfatize a questão homossexual, o jornal visava o espectro mais amplo das minorias oprimidas. Podemos entender que, para o Lampião, os homossexuais conscientes e politizados (e este periódico toma-se como uma expressão e um porta-voz destes homossexuais) sempre se reconheceram como legatários da experiência e das conquistas do movimento feminista, bem como reconheciam as feministas como suas aliadas históricas.

Também na página 09, num texto que descreve uma batida policial num cinema que exhibe filmes pornográficos no centro do Rio de Janeiro, o jornal afirma que “as ‘damas que pagam meia’ são as que mais protestam, usam contra os policiais *argumentos impúblicáveis* (grifo nosso), mas nem assim conseguem comovê-los”. Com este enunciado, o jornal reconhece em si (afirma sobre si) uma qualidade surpreendente. Esta surpresa decorre do fato de, ao mesmo tempo em que, tal como exposto no editorial citado acima, afirma a saída do gueto como estratégia de emancipação política e cultural de sujeitos individuais oprimidos na sua diferença inclusive moral, afirma que

---

<sup>10</sup> Esta recorrência ao termo *vítima* para descrever os sujeitos individuais e coletivos constitutivos da causa política norteadora do Lampião não deve levar a uma interpretação automática de que o jornal acolha as posturas *vitimizantes* provenientes destes mesmos sujeitos. Pelo contrário, em diferentes textos, o jornal argumenta em favor do desserviço que esta postura presta ao projeto de emancipação da população homossexual e das demais “minorias oprimidas”.

<sup>11</sup> Certamente, não cabe neste texto a avaliação das condições políticas em que se davam as alianças, as contradições e os conflitos entre as “minorias oprimidas” no contexto histórico dos anos de 1970 e 1980, no Brasil, e que teriam causado a resistência de feministas em participar do Conselho Editorial do Lampião.



as “damas que pagam meia” utilizavam “argumentos impublicáveis”. Trata-se de uma deliberada (intencional, consciente) manifestação de ironia e de deboche.

Com este recurso estilístico, o jornal denuncia (desmascara) o que reconhece como uma hipocrisia da mídia dominante e da sociedade. E, assim, apresenta outras armas (a ironia e o deboche) na luta política e cultural que lhe justifica. Pode-se dizer que o Lampião adota estas armas como recurso para fazer a crítica moral da sociedade mais ampla e, em particular, *deles*, isto é, da mídia dominante. Assim, o jornal realiza seu projeto de *desmoralizar o conceito* sobre a população homossexual que orienta o discurso daquela mídia.

Na página 11, comentando a recente proclamação da Declaração Universal dos Direitos dos Animais pela ONU, o jornal afirma que

Graças a ela [a Declaração], eles [os animais] se tornam a mais exótica de todas as *minorias* (e LAMPIÃO reafirma aqui o seu conceito de *minoria*: é um grupo sobre o qual a sociedade repressiva mantém seus tacões, mesmo que ele não seja minoritário, como as mulheres, por exemplo) a ver levantada a bandeira da luta por seus direitos (os destaques em negrito são do próprio jornal).

Nesta citação, o Lampião reitera a auto-descrição como um jornal comprometido com o que já havia qualificado como “minorias oprimidas” e, na medida em que sempre emprega o termo no plural, confirma a noção de que este compromisso extrapola a luta em favor da causa homossexual. Cabe destacar que a citação esclarece o sentido do termo “minorias oprimidas” como conceito-base da política que o periódico promove. E, enquanto enfatiza a centralidade daquele termo, reforça sua distinção em relação aos demais veículos da imprensa alternativa, que adotavam o conceito de classe social como conceito-chave de sua política e de seu discurso.

O jornal se vê como um veículo que, a partir da perspectiva homossexual, assume as questões da opressão e do oprimido pela sociedade como as questões fundamentais de sua intervenção política e cultural. O tom jocoso (porque assumidamente exagerado e provocador) com que se refere aos animais e à sua condição de vítimas da “repressão pela sociedade”, confirma o radicalismo com que assume este compromisso. Este atributo radical justifica-se pela afirmação, já no editorial, de que as “minorias” e suas causas políticas eram o centro de suas preocupações, e também pela necessidade aparente de apresentar uma definição formal do termo.



O radicalismo lampiônico manifesta-se ainda através do modo como o jornal concebe a participação dos leitores. Basicamente, esta participação ocorre através das cartas publicadas na seção “Cartas na mesa”. Estas cartas prestam-se para, dentre outros motivos, representar um espaço privilegiado para o debate sobre a linha editorial do *Lampião da Esquina*. Respondendo a estas cartas, o jornal tenta esclarecer o leitor sobre o que *não é*, sobre o que *pretende ser* e sobre quais são os *seus objetivos*. Noutros termos, o jornal reforça a prática de estabelecer as distinções entre *eles* e *nós*. O texto de abertura desta seção, na edição número zero, afirma que

“a idéia do Conselho Editorial de LAMPIÃO é fazer de sua seção de Cartas na Mesa uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal”.

Na página 14 da edição número zero, em resposta a uma carta de leitor que reclamava e denunciava os constrangimentos que a polícia estava impondo a alguns homossexuais que freqüentavam um ponto de encontro, no Rio de Janeiro, chamado “Buraco da Maísa”, o jornal afirma que “um dos objetivos de *Lampião* é não apenas fazer com que as pessoas possam sair do ‘buraco’, mas, também, garantir a todas elas o direito de entrar lá, quando queiram”.

Na mesma página, num texto intitulado “Homens nus”, o jornal publica a carta de uma leitora que pergunta se estava prevista a publicação de fotos de “rapazes em traje de Adão” e responde afirmando que “quanto a fotos de rapazes nus, não é o nosso gênero: *Lampião* acha que ninguém (...) deve ser tratado como objeto sexual”<sup>12</sup>. E em resposta a uma carta transcrita com o título “Pintou o bode”, em que o leitor relata as perseguições que sofre em decorrência de sua homossexualidade, o jornal afirma que

“*Lampião*, meu caro infante, se recusa a servir de muro das lamentações. Tudo o que você tem que fazer é se livrar de toda essa auto-piedade, dessa auto-flagelação. Ninguém pode ser tão execrado como você pensa que é. Em nenhum momento de sua carta você diz o que realmente é, ou seja, que é homossexual. A nosso ver, o problema está em você mesmo”.

Na edição número 37, a última a chegar às bancas, três anos após o lançamento do número zero, há uma significativa redução do número de ocorrências em que o jornal

---

<sup>12</sup> Importa chamar a atenção para o fato de que, apesar de descrever-se nestes termos, todo o espaço da página 5 da edição número 37 (julho de 1981) se destina à seção *Colírio* e apresenta várias fotos de um rapaz posando em nu frontal. Este fato deve ser indicativo das vicissitudes que o jornal atravessara deste seu lançamento e que o forçara a romper com princípios anunciados nas edições iniciais.



fala sobre si mesmo. Na página 02, na seção “Cartas na Mesa”, uma leitora acusa os “oportunistas” de terem provocado o “fim do movimento” homossexual no Brasil e afirma o desgaste, o desencanto e o cansaço que a atuação destas pessoas lhe causou. Por outro lado, a missivista faz a louvação da justeza dos princípios e da relevância moral do movimento, e parabeniza os editores do *Lampião* pela tenacidade e magnanimidade com que tem sustentado aqueles princípios<sup>13</sup>. O jornal responde que

“quando a gente ambiciosa tiver sido suficientemente cagada e cuspidada por todos os que pensam como você e nós, aí sim, surgirá um novo momento homossexual, e este será pra valer. Enquanto isso não acontece, *Lampião* fica por aqui, cumprindo o seu papel de manter acesa a chama (grifos nossos); somos um vasto grupo de 40 mil leitores que cobrem praticamente todo o país. Pra você ter uma idéia de como *funcionamos não apenas como jornal, mas também como um grupo em plena atividade*: só neste mês de maio, (...) mantivemos uma discussão, que durou uma tarde inteira, com ativistas holandeses que vieram estudar o – para eles – ‘fenômeno *Lampião*’; (...) Isso além de colocar mais um exemplar do jornal pontualmente nas bancas. Agora me diga: *o grupo organizado de homossexuais denominado ‘Lampião’ está ou não em atividade?*”

A carta da leitora e a resposta do jornal apresentam mais uma distinção entre o *nós* e o *eles* (o *outro*). No entanto, neste caso, o *outro* não designa a imprensa ou qualquer outra instituição ou grupo social externos ao jornal ou ao movimento homossexual. Agora o *outro* nomeia militantes (suas crenças e suas práticas) do próprio movimento. A purgação proposta consiste em fazer com que estas pessoas, por sua conduta “ambiciosa”, sejam tiradas da condição ambígua de *nós* e *eles* ao mesmo tempo e tornem-se *eles* (o *outro*) definitivamente. Este processo deve resultar no resgate do *nós* (o movimento em conformidade com seus princípios originais e o jornal) como instâncias portadoras da virtude.

A resposta do *Lampião* aceita que o movimento é uma via legítima e eficaz para a luta em favor da emancipação da população homossexual e descreve-se como um *grupo organizado do movimento*. Investido desta condição de grupo, o *Lampião* atribui-se a “manutenção da chama” como atividade central e admite que, embora alcance 40 mil leitores em todo o país, não consegue alcançar aquele objetivo. Neste sentido, é preciso tomá-lo como ponto de partida e meio para provocar e realizar outras atividades que, por suas qualidades específicas, façam ecoar o projeto político que defende na sociedade mais ampla.

---

<sup>13</sup> A nota anterior chama a atenção para o fato de que os acontecimentos desaprovam esta afirmação.



A descrição apresentada revela a visão da pequenez ou limitação do *Lampião* frente aos desafios percebidos no movimento homossexual naquele contexto histórico. A extrapolação para outras atividades além de sua produção pode ser avaliada como uma consequência desta visão. Neste sentido, a aceitação do jornal, por seus editores, como “fenômeno” seria contraditória. No entanto, o jornal não deixa de afirmar que este julgamento se realiza na visão de outrem. Assim, para o *Lampião*, é possível reconhecer as próprias limitações frente aos desafios vistos, mas também chamar a atenção para o reconhecimento externo do vigor e da tenacidade com que responde e enfrenta estes mesmos desafios.

Este debate interno sobre o tamanho ou a importância relativas do jornal aparece em outra ocorrência da edição número trinta e sete. Na página 19, o jornal traz uma reportagem, assinada por Adão Costa, sobre o que chama de festa em comemoração ao “terceiro anuzinho” do jornal. Na página 20, a última da última edição a vir a público, num texto assinado por Francisco Bittencourt sobre esta mesma festa, o jornal é descrito como um “jornaleco”.

O termo “terceiro anuzinho” pode ser interpretado como um recurso estilístico para designar algo avaliado como “pequeno” ou de reduzida importância relativa. E a recorrência ao termo “jornaleco” para definir o periódico em discussão parece acrescentar e reforçar a visão prevalecente do jornal sobre si mesmo, em sua fase final. Uma auto-imagem proclamada como frágil e que contrasta com a segurança e a precisão da designação “um jornal homossexual”, apresentada no editorial da edição número zero, citado acima.

## **Conclusões**

O ponto de partida deste texto foi a aceitação de que a imprensa gay costuma tratar a mídia e a si mesma como objetos de exame crítico, de que o *Lampião da Esquina* exercia este papel e de que o levantamento e a análise dos termos e do significado deste debate, naquele periódico, seria relevante. Argumentamos que os fatos de ter sido o primeiro jornal homossexual produzido profissionalmente no Brasil e de que compunha a imprensa alternativa, fazem com que o estudo proposto seja relevante.

Nossa hipótese básica era que o *Lampião* discutia a mídia e a si mesmo para denunciar as estratégias de silenciamento e de estereotipização negativa sobre a população homossexual, presentes nos discursos midiáticos, e para demarcar suas diferenças políticas e culturais com o conjunto da mídia e, inclusive, com a imprensa



alternativa. O jornal punha-se num campo de batalha para mostrar a distinção política e cultural entre o *eles* (a mídia) e o *nós* (o próprio jornal).

Neste artigo, o objetivo apresentado restringiu-se ao exame da visão do jornal sobre si mesmo. Para tanto, tomamos o conceito de cultura da mídia e seu projeto da leitura política dos discursos midiáticos como instrumentos teórico e metodológico para a abordagem do objeto empírico. Orientados por estes instrumentos, buscamos a verificação de nossa hipótese através de dois procedimentos básicos. Primeiro, apresentamos, de modo sintético e esquemático, o contexto histórico/cultural em que o jornal apareceu. Em seguida, apresentamos e analisamos trechos de artigos publicados nas edições número zero (primeira) e trinta e sete (última) que referiam ao próprio jornal.

Acreditamos que, com estes procedimentos, conseguimos alcançar nossos objetivos. Este estudo resulta no esclarecimento dos termos e das estratégias empregados pelo jornal para demarcar as diferenças políticas e culturais entre o *eles* e o *nós* e, assim, buscava realizar sua batalha em favor da emancipação homossexual. Reconhecemos que as reflexões presentes neste artigo representam análises provisórias, relativas à etapa inicial do projeto mais amplo de analisar o debate sobre a mídia no *Lampião da Esquina*. Assim, as perguntas postas no início deste texto ainda pedem respostas que avancem em relação às aqui apresentadas.

### Referências Bibliográficas

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?:** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

GREEN, James N. **Além do Carnaval:** a homossexualidade masculina no Brasil do século XX, São Paulo, UNESP, 2000, pp. 391-449.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia:** estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauri (SP), EDUSC, 2001.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, Esquina Editora, n. 0 e 37. Mensal. 1978 – 1981.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade:** identidade sexual e política no Brasil da ‘abertura’, Campinas – SP, UNICAMP, 1990.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa:** projetos para mestrado e doutorado, São Paulo, Hacker, 2001.



TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5ª. ed., Rio de Janeiro, Record, 2002.